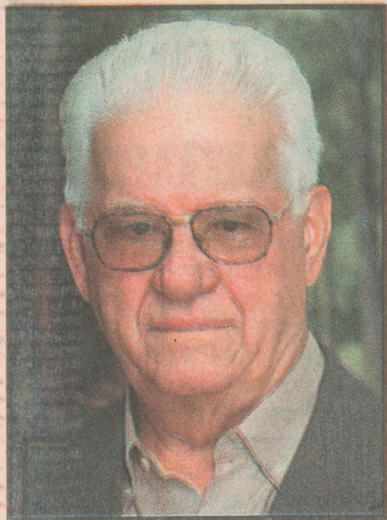


N10. 224

Petróleo



Chico Guedes

CHRISTIANO DIAS LOPES

"A última grande reforma administrativa feita no Estado foi no Governo de Elcio Álvares. Ele contratou um escritório especializado. De lá para cá, são tomadas medidas sem assentamento em pesquisas, dados e projeções. O déficit mensal não permite a liquidação da dívida pública, em que estão incluídos os salários, atrasados e os precatórios. Esta coisa só vai crescendo, vai tomando vulto, para o qual é difícil encontrar soluções. O que falta hoje é criação. O Espírito Santo precisa criar uma fórmula para acabar com déficit, recuperar a capacidade de investimento e liquidar a dívida, estimulando o debate. Só se vence as crises criando soluções definitivas."

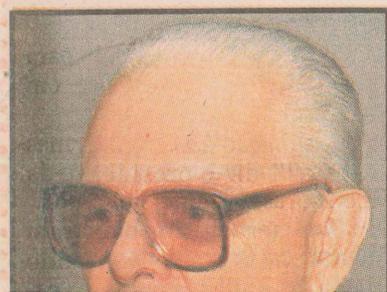


Helô Sant'Ana

MAX MAURO

"No setor público está o grande problema do Estado, que não tem a mínima capacidade de investimento. Teria de haver mais investimentos na infraestrutura. Acho que o processo de privatização não exclui o Estado de sua participação, inclusive investindo na infraestrutura. Na minha opinião, distorceram o sistema Fundap, e criaram um privilégio de poucos. A coisa se tornou um grande negócio para meia dúzia de empresários. Da receita de ICMS gerada mensalmente, os maiores fundapeanos estão ficando com quase a metade. É preciso se coibir os abusos nos incentivos, com uma reformulação do sistema Fundap."

Petróleo: o combustível do ES no novo milênio



Seis ex-governadores entram no debate sobre o futuro do Espírito Santo, apontam os novos geradores de desenvolvimento e pregam o ajuste do setor



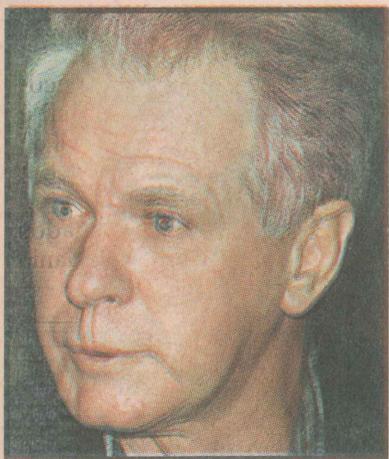
no novo milênio



Gildo Loyola

ARTHUR CARLOS G. DOS SANTOS

"Os maiores contribuintes do Estado se instalaram no Espírito Santo por causa dos incentivos fiscais. O Espírito Santo tem que ser suficientemente inteligente para equacionar o que é bom e o que é ruim, nesta questão fiscal. Há uma ilusão de que renúncia fiscal é deixar de ter receita. Acontece que a renúncia é sobre uma arrecadação que não se realizaria se não houvesse o incentivo. Há uma guerra fiscal saudável no país, e eu acho que é um absurdo terminar com os mecanismos de os Estados atraírem investimentos".



Chico Guedes

GERSON CAMATA

"A parte pública do Estado vai ter que aprender a controlar os gastos. Há chances de se aumentar a arrecadação, mas o Estado vai continuar em crise se não aprender a gastar. Eu acho que estou acreditando muito na questão do petróleo, e isso vai ser o principal ponto de desenvolvimento. O Estado também será um grande prestador de serviços. Um exemplo é a vinda do centro de telecomunicação, o Call Center. Vai ser muito bom, porque representa mais do que a instalação da fábrica da Ford, a meu ver. Vamos ter que começar a diversificar mais a agricultura."



EDUARDO CALIMAN

Personagens ativos dos fatos que marcaram a história do Espírito Santo nas últimas quatro décadas, seis ex-governadores do Estado vislumbram, agora, o que será o Espírito Santo no próximo milênio. E as análises pessoais apontam o petróleo e o gás natural como os futuros combustíveis do desenvolvimento capixaba. A expectativa se dirige, também, à auto-suficiência em produção de energia, à melhorias da estrutura portuária, ao incremento da prestação de serviços e ao maior aproveitamento da vocação para o comércio exterior.

As áreas de exploração de petróleo e gás na costa do Espírito Santo – divididas entre a Petrobrás e as empresas YPF, Mobil, Unocal, Texaco, Agip, Esso, Shell –, ainda estão sendo pesquisadas. A Petrobrás já perfurou dois poços para identificar os melhores locais de instalação de plataformas, mas as informações sobre o que foi encontrado estão sendo mantidas em sigilo.

O prazo dado pela Agência Nacional de Petróleo (ANP) para que a Petrobrás termine o levantamento vai até agosto de 2002. Já as demais empresas têm até 2007 para realizar pesquisas sísmicas nas suas áreas de concessão. Atualmente, o Estado produz 12 mil barris de petróleo por dia, em poços instalados em terra, em Linhares e São Mateus. A previsão é a de que, com a exploração das áreas no mar do Estado, a capacidade pode chegar a 1 milhão de barris/dia, segundo dados já divulgados.

Opiniões

Para o deputado federal Max Mauro (PTB), que administrou o Estado de 1987 a 1991, há hoje uma expectativa muito grande

Seis ex-governadores entram no debate sobre o futuro do Espírito Santo, apontam os novos geradores de desenvolvimento e pregam o ajuste do setor público. E todos são unânimes em apontar a expectativa da descoberta de gás no litoral como a alavancagem da economia capixaba

em torno da exploração do petróleo, que pode ser o principal propulsor da economia capixaba. "Você percebe isso pela movimentação das empresas que se habilitaram à exploração", declarou. Max acredita que o Estado possa deixar de ser importador de 80% da energia que consome, a partir da execução de dois projetos de usinas termelétricas.

Uma usina deverá ser instalada em Vitória, e usará o gás que virá de Campos, no Rio de Janeiro, através do gasoduto Campos-Vitória. O outro projeto, previsto em uma parceria da Escelsa e Petrobrás, é o de instalação de uma termelétrica em São Mateus, utilizando o gás já descoberto no mar, a 45 quilômetros da costa da cidade. "Isso é muito importante, porque poderá propiciar a auto-suficiência em energia, e até a produção para atender a demanda do futuro", diz Max Mauro.

O engenheiro Arthur Carlos Gerhardt Santos, que governou o Estado entre 1971 e 1975, acha as descobertas do petróleo e gás poderão trazer um padrão de vida "muito melhor" para a população. O petróleo, aliado ao progresso em outros setores da economia, poderão gerar o equilíbrio das finanças públicas. "O Estado tem grandes empresas de serviços e um setor industrial com padrão mundial. Tem também esta novidade, que é a exploração petrolífera. Se houver seriedade, o progresso econômico e um sistema tributário mais justo provocarão um aumento de receita capaz de equilibrar as finanças do Estado".

Outro que acredita no poder do petróleo, aliado ao avanço de outros setores da economia, é o senador Gerson Camata (PMDB) – governador do Estado entre 1983 e 1986. "Estou acreditando muito na questão do petróleo. Is-

so vai ser o principal ponto de desenvolvimento para o nosso Estado, que também deverá ampliar sua capacidade de prestar de serviço, de exportar e de importar. Vamos ter, também, que incentivar a fruticultura e o plantio de feijão e milho, entre outros produtos básicos", opinou.

Camata também aponta que o Norte do Estado, beneficiado com os incentivos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), já começou a passar por um grande avanço, com a implantação de pequenas indústrias. Com um raciocínio semelhante, o ex-governador Vitor Buaiz (PV) – que ocupou o Palácio Anchieta de 1995 a 1999 – considera a entrada dos municípios do Norte na região de abrangência da Sudene o principal acontecimento desta década, para o Estado.

O governador entende que o desenvolvimento regional, trabalhado em seu Governo, é um dos caminhos por onde o Estado terá de seguir, no próximo milênio. A ampliação da Rodovia do Sol, de Aracruz até à divisa com a Bahia, com a participação da iniciativa privada, proporcionaria também um avanço na área do Turismo.

Vitor acha, ainda, que o Estado está preparado para aproveitar o seu potencial energético, a partir de projetos estruturais como o gasoduto Campos-Vitória e a implantação das termelétricas. Aliado ao crescimento econômico, o ex-governador considera necessária a união das classes política, empresarial e sindical, e de organizações não-governamentais, para a construção de uma agenda de desenvolvimento.

Na visão de Vitor, o Estado também precisa superar uma discriminação no contexto nacional. "Não adianta ter um ótimo projeto, mas administrar com uma

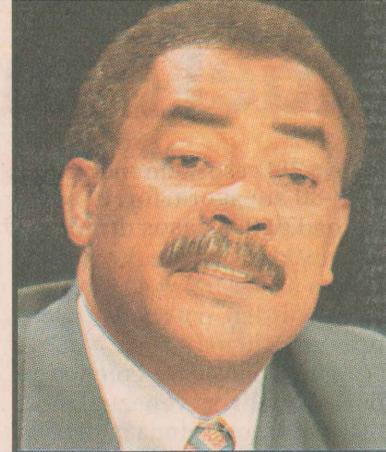
conjuntura nacional adversa. O Espírito Santo, apesar de ter uma localização estratégica, com vantagens em logística e transportes, sempre foi discriminado por ter uma pequena representação política", enfatizou.

Já o ex-governador Albuíno Azeredo (PDT) – que ocupou o Governo de 1991 a 1995 – acha que o Estado terá de seguir três eixos de desenvolvimento no próximo milênio. O mais importante é o de geração de energia, "onde o gás e o petróleo tornarão o Espírito Santo um exportador no setor", e também poderá ser explorado potencial hidrelétrico da bacia hidrográfica estadual.

O segundo eixo, segundo Albuíno Azeredo, é o do Turismo, com a expansão da Rodovia do Sol de Aracruz à Bahia e a implantação de um antigo projeto de divulgação das belezas estaduais, elaborado por espanhóis. E o terceiro eixo é o de transporte, que teria que receber o incremento das atividades no Corredor Centro-Leste e a melhoria da malha ferroviária e rodoviária.

Para Cristiano Dias Lopes, que governou o Estado de 1967 a 1971, é preciso ter uma radiografia cuidadosa dos órgãos públicos, através de trabalho "que localize e dimensione os desvios de rumos da administração, as hipertrofias, as atrofiações, os atritos de função, choques de competências e os esclerosamentos". A partir deste levantamento, "um novo edifício teria de ser erguido".

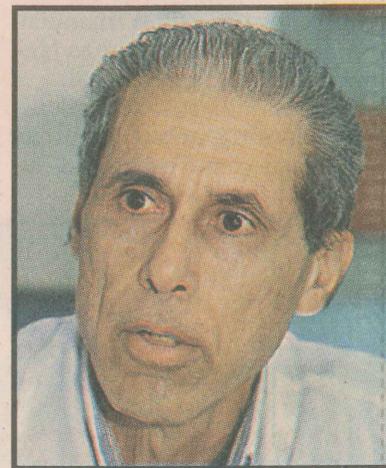
– O desafio maior para o próximo milênio é o ajuste das contas públicas, para que se possa enfrentar as surpresas. O Estado tem todas as condições de se desenvolver economicamente. Não é mais aquele de 30 anos atrás, quando eu o encontrei no penúltimo lugar do ranking da renda per capita – lembrou.



Chico Guedes

ALBUÍNO AZEREDO

"Não basta atuar no campo econômico e na busca de desenvolvimento. O grande desafio é promover uma mudança na gestão pública. O modelo atual falhou. Os futuros governos terão que abrir mão do poder concentrado. Várias atividades gerenciadas pelo poder público deverão ser transferidas para a sociedade organizada, através das Ongs, associações, cooperativas e sindicatos. Essas instituições, que atualmente só atuam no campo consultivo, devem atuar também no deliberativo. O Estado tem que diminuir de tamanho, não mais dentro da visão polarizada de privatização versus estatização. A palavra agora é a desconcentração".



Carlos Alberto da Silva

VITOR BUAIZ

"Não adianta nada ter um ótimo projeto, mas administrar com uma conjuntura nacional adversa. O Espírito Santo sempre foi discriminado no contexto nacional, por ter uma pequena representação política, uma bancada pequena. É um Estado que não tem a quem se unir, como ocorre com os Estados do Nordeste. No meu Governo, fizemos um trabalho integrado com Minas Gerais, para procurar sair do isolamento. E isso gerou o fato político mais importante da década, a meu ver, que foi a inclusão do Norte do Estado na área de abrangência da Sudene. Nós contamos com a bancada de Minas Gerais".